

**DA EXPERIÊNCIA AO ARTIGO CIENTÍFICO:  
ENTRE LEITURA E ESCRITA E A REALIDADE DA ESCOLA**

*Ozamar Santos Corrêa* (UERR e IFRR)

[ozamarr@gmail.com](mailto:ozamarr@gmail.com)

*Livia Kessia da Silva Rocha Soares* (UERR e IFRR)

[livia\\_gds@hotmail.com](mailto:livia_gds@hotmail.com)

*Carmen Nunes Veras Spotti* (UERR, IFRR e CEFORR)

[carmemspoti@bol.com.br](mailto:carmemspoti@bol.com.br)

**RESUMO**

Este artigo nasceu da experiência vivida nas oficinas de produção textual, com o gênero Memórias Literárias da Olimpíada de Língua Portuguesa 2019, com o tema “O lugar onde vivo”. Aproveitamos esse encontro com professores do ensino fundamental da rede pública para entender melhor qual tem os desafios por eles enfrentados para alcançar o leitor. Nessa escrita vamos abordar alguns pontos relevantes acerca das necessidades que são visíveis nas escolas estaduais de Roraima para realização de trabalhos de leitura e escrita com alunos do ensino fundamental, mais precisamente com os 7º e 8º anos. Verificamos que essas necessidades passam pelo crivo do professor que deseja fazer com que seus alunos superem as dificuldades de leitura e escrita. Nesse estudo traremos dos relatos de professores que tratam de como é realizado o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita em sala de aula e as disparidades existentes entre as escolas de uma mesma cidade. Sabemos que o trabalho de erradicar o analfabetismo é de toda a escola, sendo que cada professor se desdobra para dar conta de uma boa práxis dentro do material que lhe é ofertado ou, as vezes, usando de seus próprios recursos. Ainda nesse contexto abordaremos experiências de professores que se desdobram para que seus alunos suprem os desafios. O objetivo principal é mostrar como professores da rede pública de ensino trabalham a escrita e leitura dos alunos, a partir desse subdividimos em três objetivos específicos que são: democratizar o uso da língua portuguesa, conhecer os gêneros textuais e compreender a importância do ler e escrever. Teoricamente nos apoiamos em Marcushi (2008), Koch (2007), Geraldi (1999), PCN’s e cadernos da Olimpíada da Língua Portuguesa.

**Palavras-chave:**

Escrita. Leitura. Olimpíadas da Língua Portuguesa.  
Desafio e arte de ser professor.

**ABSTRACT**

This article was born from the experience lived in the textual production workshops, with the genre Literary Memories of the Portuguese Language Olympics 2019, with the theme “The place where I live”. We took advantage of this meeting with public elementary school teachers to better understand the challenges they face in reaching the reader. In this writing we will address some relevant points about the needs that are visible in the state schools of Roraima for reading and writing work with elementary students, more precisely with the 7<sup>th</sup> and 8<sup>th</sup> grades. We find that these needs go

through the sieve of the teacher who wants to make his students overcome reading and writing difficulties. In this study we will bring the reports of teachers that deal with how the teaching and learning of reading and writing in the classroom is performed and the disparities between schools in the same city. We know that the work of eradicating illiteracy belongs to the whole school, and each teacher goes out of his way to work out a good praxis within the material offered to him or sometimes using his own resources. Still in this context we will address experiences of teachers that unfold so that their students meet the challenges. The main objective is to show how teachers of public schools work the writing and reading of students, from this subdivide into three specific objectives that are: democratize the use of the Portuguese language, know the textual genres and understand the importance of reading and writing. Theoretically we rely on Marcushi (2008), Koch (2007), Geraldi (1999), PCNs and notebooks of the Portuguese Language Olympics.

**Keywords:**

Reading. Writing. Challenge and art of being a teacher.  
Olympic Games of the Portuguese Language.

## ***1. Introdução***

Em tempos de resistência por uma educação que seja adequada a todos, passamos por inúmeras dificuldades para ter qualidade naquilo que a Constituição Federal – CF<sup>115</sup> declara como direitos de todos. Verificamos Professores, fazendo de tudo e dando seu melhor, pois muita das vezes falta o básico, o essencial para realizar o trabalho e dar condições de o aluno aprender. Ser professor da rede pública tornou-se um desafio a ser superado todos os dias, enfrentar as dificuldades com resistência, pois o papel do estado é prover uma educação de qualidade. No entanto, por meios de depoimentos coletados durante nosso trabalho com professores da rede pública roraimense, ficou provado que as condições dadas ao professor para desenvolver seu trabalho tem deixado a desejar.

Neste trabalho, nós iremos preservar a identidade dos professores em seus relatos, nomeando-os como X e escola como Y seguido de número para não incorremos na deselegância do erro. Esse relato dá-se a partir de uma oficina de gênero textual “Memórias Literárias” da Olimpíada de Língua Portuguesa, na qual todas as escolas do país puderam se envolver e, nesse envolvimento há uma sequência de seleções textuais até chegar a um texto vencedor que não se apresentará só, irá com seu professor de Língua Portuguesa e receberá um prêmio.

Dessa oficina, nós pudemos tirar inúmeras lições, tais como a

---

<sup>115</sup> Constituição Federal de 1988, Art. 205

forma de como trabalhar nos mais diferentes ambientes, bairros da cidade, alunos de idades variadas, turmas com número absurdo de alunos, inclusão ‘excluída’, falta de apoio da gestão e dos pais de alunos. Por meio dos relatos, conhecemos escolas com salas de leitura muito bem equipada e outras com apenas sala de aula sem nenhuma estrutura para exercitar a leitura e pesquisa com alunos, sem laboratório, entre outros. Com isso, nós, enquanto professores, vamos analisando a real situação da educação.

Dessa forma, percebemos que a educação precisa urgente de uma nova roupagem, uma nova estrutura para que se possa dar suporte aos nossos alunos de forma a dispor a todos a mesma qualidade educacional e preparo para concorrer ao mercado de trabalho em fator de igualdade de condições. Isso porque a educação, em nosso país é uma ferramenta de superação das desigualdades.

A oficina em questão foi realizada em sete encontros, sendo cada um com quatro horas de duração e mais as horas in loco que o professor teve aplicar em sua sala de aula os conhecimentos adquiridos como transposição didática. Tivemos a participação de 16 professores, apenas um da esfera federal os demais da estadual. O objetivo principal desse artigo é mostrar como professores da rede pública de ensino desenvolvem a escrita e leitura dos alunos. A partir desse subdividimos em mais três partes como o de, democratizar o uso da língua portuguesa, conhecer os gêneros textuais e compreender a importância do trabalho em sala de aula do ler e escrever.

Partindo desses objetivos elaboramos atividades nas quais o professor tivesse seu momento aluno, que percebesse como o seu aluno se sente ao ser solicitado a escrever um texto dando apenas um título e durante as atividades das oficinas, os professores reconheciam que deveriam mudar sua metodologia quanto a escrita, perceberam que nem todos podem caminhar da mesma forma e que é preciso, apesar das dificuldades ter um olhar diferenciado para cada aluno tendo em vista as especificidades.

## **2. O texto na sala de aula**

É percebido que muito se fala na dificuldade de leitura e escrita, mas quais são os pontos de relevância para solucionar uma questão que parece se perpetuar nas salas de aula? O exercício da redação, como chamamos, é um verdadeiro martírio para o aluno assim como para o

professor. Muitos temas já vêm definidos, eles se repetem, em especial nas séries do ensino fundamental, partindo sempre de datas comemorativas. Nesse sentido, qual a legitimidade dessa atividade, qual a importância dela, pois o aluno pode repetir sua escrita sem nenhum problema, até aí tudo bem, mas o que de fato o aluno não sabe é como essa escrita deve acontecer, até porque muitos professores também foram moldados numa escrita rotineira.

De acordo com os Parâmetros Curriculares do Ensino, declaram que:

A produção do discurso não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros, ainda que, em sua linearidade, isso não se explicita. A esta relação entre o texto produzido e os outros textos é que chamamos de intertextualidade. (PCNs, 1997, p. 21)

Para reliazarmos a oficina sobre o gênero textual, memórias literárias, demos um tema a discorrer, “o lugar onde vivo”, tema integrante das Olimpíadas da Língua Portuguesa: Escrevendo o Futuro para que os professores produziram seus textos no primeiro encontro, e no último, fizemos avaliação de sua própria escrit. O desafio era fazer melhor, porque escrever, na verdade não é só colocar letras soltas no papel. Dessa primeira escrita do professor não fizemos de imediato uma correção e nem uma leitura, pois iríamos ter mais encontros e dinâmicas de escrita. Na realidade queríamos que, no final, o professor se percebesse enquanto aluno e visse a surpresa e cada um ao ler seu texto no último encontro.

Manoel de Barros, tem um verso que diz que, “o delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira”. Ou seja, ao escrever evemos dar voz ao nosso pensamento. O que compreendemos com citação de Manoel de Barros é que produzir um texto de memórias literárias, como foi o nosso trabalho, ou seja, é deixar a imaginação voar, é ter uma língua democrática, é aprender que a escrita não prende, liberta, o tão insondável medo da caneta e do papel e um bom texto pode ser mudado a partir da hora que o professor passa a não só corrigir erros gramaticais, mas a observar a cor que o aluno deu a sua escrita. Em muitos momentos é possível que fuja ao tema, mas o professor o trará de volta com a reescrita positiva.

As metodologias utilizadas nas oficinas foram trazendo o professor a um mundo quase esquecido, após longos anos em sala só acumulando atividades, chega final de semana vai corrigir cadernos, começa segunda já com uma carga de trabalho que lhe sufoca. Professor levante, vamos brincar de ser aluno, pegue seu balão, não faça nada com ele, olhe o balão do outro, o que você tem vontade de fazer? Isso estará nas imagens, e gostaríamos que a imagem tivesse som, mas cada leitor deste artigo poderá criar a sua própria linguagem.

### **3. Gêneros textuais, para que servem?**

A maioria dos estudantes sentem dificuldades para escrever um bom texto, e isso não é apenas a nível fundamental, mas alcança outros níveis de escolaridade. A oralidade em sala de aula flui naturalmente, mas a escrita precisa ser trabalhada de modo que o aluno interaja entre a fala e escrita, buscando o meio social em que está inserido com a ajuda de seu professor, pois quando a escrita do texto é trabalhada de uma forma sócio interacionista fica mais fácil para o aluno compreender. Caldas (p. 2) diz que “quando se entende que a principal função do texto é a interlocução, a abordagem textual deve reconhecer as diversidades existentes em tipos de textos, as características que os formam e o contexto em que eles são usados [...]”.

Entendemos assim, que com essa interlocução é que a escrita vai ganhando forma, vida com base nos gêneros textuais, pois cada um deles tem sua função própria de destino e os PCN’s para a língua portuguesa corroboram da seguinte forma ao referendar que,

[...] o professor deve apresentar e trabalhar com os alunos os tipos e os gêneros textuais que fazem parte do cotidiano. É fundamental que os estudantes compreendam que texto não são somente aquelas composições escritas tradicionais com a qual se trabalha na escola – descrição, narração e dissertação – mas sim que o texto é produzido diariamente em todos os momentos em que nos comunicamos, tanto na forma escrita como na oral. (CALDAS, 2018, p. 3)

Sendo essa apresentação uma maneira de inserir o aluno no seu contexto social, chamando-o a realidade em que vive para partir dessa vivência compreender como proceder em sua escrita tendo por base não mais uma teoria, mas um olhar que o fará despontar para a criação no uso dos verbos, dos substantivos. Outrora o ensino da língua portuguesa baseava-se expressamente na gramática, mas ganhou uma diversidade de outros modelos para que o aluno interaja com a fala e a escrita e entenda

de fato o que ler. “O trabalho com textos em sala de aula ganhou um enfoque especial no momento em que os PCN’s de Língua Portuguesa evidenciaram a sua importância. Concomitantemente com a proposta de leitura e produção de textos, surge a necessidade de se trabalhar os gêneros discursivos e textuais. (CALDAS, 2018, p. 3)

Contudo, os gêneros textuais devem seguir uma abordagem própria, não os tornando como disciplina exclusiva, ou seja, trabalhados separadamente, dando aquele ar de obrigatoriedade de saber um a um, até porque não há necessidade e uma quase impossibilidade de sabermos todos, mas deve ser trabalhado concomitantemente com vários estilos para que o aluno aprenda a separá-los na hora da interação da leitura com os colegas. Dessa forma, concordamos com Carvalho (2018, p. 2) quando afirma que, ‘no tocante a ação pedagógica, disponibilizarem-se aos alunos modelos de textos não é o bastante, é preciso encaminhar uma reflexão maior sobre o uso de cada um deles, do mesmo modo, considerar o contexto de uso e os seus interlocutores [...]’.

Assim sendo, trabalhar o texto em sala de aula requer uma dinâmica pedagógica diferenciada tornando assim a leitura e a escrita uma diversão e não uma obrigação. Percebemos que, no decorrer das oficinas, a maior reclamação por parte dos professores foi que o conteúdo programado não dá liberdade de criar e, partindo dessa situação, é necessário que o professor entenda que sala de aula é o seu campo de trabalho.

Outra questão abordada pelos professores cursista foi o uso do livro de didático como norte do trabalho didático e de um conteúdo programático mínimo que necessita ser trabalhado. Aproveitamos dessas falas para mostrar que nós, enquanto formadores das Olimpíadas da Língua Portuguesa também recebemos um conteúdo fechado e o que trabalhar em cada oficina já definido. Mostramos que, apesar de tudo isso, podemos criar, inovar, e por isso tivemos momentos de conversa em roda que fizeram o professor relaxar e abrir seu coração e absorver o que estávamos tentando mostrar, que era uma maneira de não cansar em demasia, mas ter êxito no que ele se propõe a fazer com sua sala de aula.

#### **4. O professor e a liberdade de criação**

Durante as oficinas os professores produziram o seu texto, a partir de seu olhar do Lugar Onde Vive, tema da Olimpíada de Língua Portuguesa. Essa atividade teve seu fechamento muito inesperado, pois ela foi

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

realizada no primeiro encontro e guardada para o último. Cada professor pegou um texto aleatório, mas no momento da leitura o autor do texto logo de apresentava. Apesar disso, o leitor deu seu ponto de vista em especial a fuga do tema, e o autor concordava, ou seja, estávamosmos mesmo nos dando liberdade para criar e para o nosso aluno como procedemos?

Em sala de aula, o que temos é um professor e alunos e um mundo de oportunidades, assim supõe a ação educativa. O ato de aprender pressupõe que haja uma pessoa para ensinar e assim formando vínculos, o professor é o mediador e sendo ele essa personagem entre o que sabe e o que aprende terá aí uma vasta liberdade de criar métodos para alcançar seus objetivos e, por isso, não deve se limitar as imposições, pois mesmo com elas o professor sabe criar, elaborar novas maneiras a esse respeito, Marcushi (2008) diz que:

Um problema do ensino é o tratamento inadequado, para não dixer desastroso, que o texto vem recebendo, não obstante a muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas. Com efeito, introduziu-se o texto como motivação para o ensino sem mudar as formas de acesso, as categorias de trabalho e as propostas analíticas. (MARCUSHI, 2008, p. 58)

Ensinar é uma arte. O professor faz música, faz dinâmica, se pinta, aprende a tocar, tudo para que sua aula seja positiva e seu aluno aprenda o conteúdo. Diríamos que ensinar é uma obra artística, pois quando olhamos uma tela logo pensamos, o artista colocou ali seus sentimentos mais subjetivos, por que não dizer isso também do professor? Dessa forma, ressaltamos ainda o que enfatiza os PCN's:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente a formação de escritores competentes, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura por um lado nos fornece matéria-prima para: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (PCNS, 1997, p. 53)

Ensinar a leitura e escrita é vivenciar incertezas metodológicas todos os dias. Mas temos base para fazer acontecer, Alvez (2001) trata do uso do texto eletrônico como ferramenta auxiliar para o ensino das práticas leitoras e escriturais, o que nos dar abertura para a tão temida maneira de usar o celular em sala de aula; Clakins (2002) já orienta sobre a necessidade da criação de ambientes que estimulem a escrita - as oficinas de escrita - e mais tece considerações sobre situações cotidianas vivenciadas pelos alunos e a prática da escrita em sala de aula, mostrando que

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A linguagem é social por natureza, e se desenvolve, e, portanto, se aprende, em situações que envolvem compartilhar com os demais; a linguagem escrita é instrumento de elaboração do conhecimento do mundo, de cada um de nós, das demais pessoas. Aprender a escrever implica, portanto, criar uma rede de reações com os demais mediante o uso da linguagem escrita; as exigências apresentadas pelas situações levam à necessidade de adquirir conhecimentos na interação com o professor, só colegas e o entorno natural e social. (CAMPS, 2006. p. 14)

E foi esse o ponto de partida dos nossos encontro, o lugar onde vivo, isso é vivência, é lembrança, é fazer a caneta correr no papel dando asas à imaginação, criando e recriando o ambiente que a lembrança se ocupada de trazer. O autor ainda fala sobre a criação de ambiente de estímulo. Ouvimos professores dizerem que sua escola não tem sala de leitura, o que propusemos, arranja um canto, faz um cartaz, pode ser no fundo da sua sala e dar um ar de outro lugar, trazer livros empilhá-los, criar, recriar, apesar das poucas ajudas que o professor recebe, ele é um criador de sonhos realizáveis.

### **5. Metodologia**

Usamos metodologias bem variadas e criativas, pois não podíamos cansar ainda mais os professores que já vinham de dois turnos de sala de aula. Sempre iniciamos com uma dinâmica de grupo, o que sempre os chamavam a participar. Não os deixávamos ficar sentados, mas se mover na sala, cantar, gritar, apoiar o colega, e assim se soltar, liberar a criança interior que deve existir em nós.

A roda de conversa sempre foi bem vinda, pois foram momentos em que as experiências eram compartilhadas. Utilização de slides sempre coloridos e com frases motivadoras, a leitura da escrita do colega, a posição em relação ao texto lido, sem jamais saber o autor, mas o que chamava a atenção é que o autor sempre se manifestava, e a partir disso, começava aquela conversa proveitosa sobre o tema e já se criava ideias para levar para a sala de aula.

Cada professor tinha seu momento de contar como estava acontecendo o trabalho na sua escola, e nesse momento era enriquecedor. A cidade não é muito grande, mas percebemos nos relatos as disparidades entre as escolas, mas não deixávamos entristecer. As dinâmicas sempre voltadas para o uso do espaço da sala de aula.

A exposição do conteúdo não era marcada, parava-se no meio pa-



ra dar voz a partir do explicitado, conteúdos que pareciam simples a nosso ver, já que o professor está em sala todos os dias trabalhando a linguagem, mas descobrimos que é bom rever a maneira de apresentar. Levamos os textos com figuras de linguagem que se tornavam criativos com a leitura, uma linguagem arcaica e os professores sorriam a lembrar de seus antepassados usarem aquele linguajar.

Uma coisa ficou muito claro, cada professor é único, com o mesmo livro didático, ele cria quando pode, maneiras inusitadas se dizer ao aluno que aprender é bom, que estudar faz diferença. Ao usar um balão com uma frase escrita dentro dele já faz a aula ganhar outra direção. Cada aluno agora é dono do seu mundo, viva-o.

## **6. Conclusão**

Ao final das oficinas realizamos a culminância. Apresentamos resultados alcançados durante as oficinas e os professores apresentaram o resultado do trabalho realizado em suas escolas. Alguns relataram como fizeram ou estavam desenvolvendo as oficinas, outros levaram seus alunos para ler os textos por eles escritos. Não foi fácil, pois o cansaço, a falta de apoio traz desânimo, mas o que nos animava era ver que, mesmo sem condição de trabalho aquela professora que tinha 42 alunos em sala, a escola sem biblioteca ou sala de leitura estava ali para que ajudássemos com ideias que pudesse ser desenvolvida com eles.

Outra professora não tinha apoio para trabalhar o tema das oficinas, por que tem um calendário a seguir, mas também, queria fazer o trabalho por reconhecer a importância de envolver seus alunos no mundo literário. Mas também, tivemos a professora que conseguiu levar para suas aulas sobre o tema das oficinas personalidades da nossa sociedade para compartilhar suas memórias.

Concluimos, que ainda há muito a se fazer em prol da nossa educação, porque mesmo um projeto dessa magnitude encontra barreiras para ser executado na escola, os professores ficam alheios pelo cansaço e trabalho repetitivo. As vezes é cobrado uma determinada coisa que não vai modificar em nada a vida dos pequenos leitores, mas que ele, professor se ver obrigado por conta de um dito “sistema” a ser seguido.

Contudo, nos sentimos honrados com participação desses professores, sabendo das dificuldades que a educação enfrenta, não a nível de estado, mas nacionalmente. O que se ouve é reclamação da falta de estru-

tura e apoio, encontramos um grupo de professores comprometidos com uma educação de qualidade mesmo que não haja as melhores condições de trabalho ele estava participando com alegria para levar algo de novidade para seus alunos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDAS, Lilian Kelly. *Trabalhando tipos/gêneros textuais em sala de aula: uma estratégia didática na perspectiva da mediação dialética*. I-BILCE/UNESP – São José do Rio Preto. Disponível em: < [http://www.alb.com.br/anais16/sem03pdf/sm03ss16\\_09.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem03pdf/sm03ss16_09.pdf) > Acesso em 12/09/2018.

CAMPS, Anna. Texto, processo, contexto, atividade discursiva: diferentes pontos de vista sobre a atividade de aprender e ensinar a escrever. In: CAMPS, Anna. *et al. Propostas didáticas para prender a escrever*. Porto Laegre: Artemed, 2006. p. 13-31

CARVALHO, Maria Angélica Freire de. *Os gêneros do discurso e o texto escrito na sala de aula uma contribuição ao ensino*. UERJ, UNICAMP. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/os%20generos.html> > Acesso em 12/09/2018.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEE, 1997.

MARCUSHI, Luiz antonio. *Produção Textual*. Análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola. 2008.

MEC/SEF – Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília, 1997, volume 1 e 2.